

## MÍDIA, GÊNERO E RELIGIÃO: REFLEXÕES E APONTAMENTOS <sup>1</sup>

### MEDIA, GENDER AND RELIGION: REFLECTIONS AND NOTES

Luciana Steffen<sup>2</sup>

#### Resumo

A Teologia colaborou e ainda colabora na construção dos papéis de gênero, legitimando papéis muitas vezes opressores. Relações entre mídia, teologia, gênero e violência são raras nas pesquisas brasileiras. Este artigo tem como objetivo investigar possíveis relações entre teologia, gênero e mídia, através de uma revisão bibliográfica, além de abordar como as mídias perpetuam a violência de gênero. A discussão de gênero é fundamental para desconstruir relações desiguais e muitas vezes violentas entre homens e mulheres, mulheres e mulheres e homens e homens, legitimadas pela Teologia, buscando uma sociedade mais justa e equitativa. A mídia é a entidade mais confiável para brasileiros e brasileiras, assim a maneira como os papéis de gênero são tratados nas mídias são absorvidas pelas pessoas muitas vezes, sem crítica, potencializando e perpetuando relações opressoras e violentas.

**Palavras-chave:** Mídia. Gênero. Teologia.

#### Abstract

Theology collaborated and still collaborates in the construction of gender roles, legitimizing roles that are often oppressors. Relations between media, theology, gender and violence are rare in Brazilian research. This article aims to investigate possible relationships between theology, gender and media, through a literature review, besides addressing how media perpetuates gender violence. The discussion of gender is essential to deconstruct unequal and often violent relations between men and women, women and women and men and men, legitimized by theology, seeking a more just and equitable society. Media is the most reliable entity for Brazilians, so the way gender roles are treated in the media are absorbed by people often uncritically, enhancing and perpetuating oppressive and violent relationships.

**Keywords:** Media. Gender. Theology.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio da CAPES, entidade do Governo Brasileiro voltada para a formação de recursos humanos.

<sup>2</sup> Luciana Steffen – Bacharela em Musicoterapia, Mestra e Doutoranda em Teologia e Assistente de Pesquisa do Programa de Gênero e Religião na Faculdades EST, São Leopoldo, RS, Brasil. [lucianast@gmail.com](mailto:lucianast@gmail.com).

## Considerações Iniciais

O termo *gênero* pode ser compreendido a partir do entendimento das diferenças entre homens e mulheres não pela sua estrutura biológica (sexo), mas pela influência da cultura.<sup>3</sup> O termo se refere aos aspectos psicológicos, sociais e culturais que envolvem os sexos, sendo a construção social das diferenças entre homens e mulheres.<sup>4</sup> Essas diferenças são as funções, deveres, valores e papéis considerados inerentes a cada sexo, apreendidas culturalmente.<sup>5</sup> As diferenças entre homens e mulheres são frequentemente entendidas como inatas, naturais e utilizadas como justificção de desigualdades entre as pessoas,<sup>6</sup> legitimando relações violentas, especialmente em relação às mulheres, sendo que a teologia tem influência na construção e manutenção dessas relações, tendo colaborado na construção dos papéis de gênero, promovendo relações sociais desiguais e injustas.

Relações entre mídia, religião e gênero são raras nas pesquisas brasileiras. Este artigo tem como objetivo investigar possíveis relações entre religião, gênero e mídia, através de uma revisão bibliográfica, focando na área da Teologia Feminista e pesquisas recentes nas áreas de gênero, feminismo, teologia e mídia. A pesquisa apresenta como os papéis e as relações de gênero foram formulados e são incentivados até hoje pela teologia, além da relação com a violência contra as mulheres, e como essas relações entre homens e mulheres são representados nas mídias.

## Gênero, Teologia e Violência contra as Mulheres

A construção dos papéis de gênero têm influência das religiões, especialmente da religião cristã. Os diferentes modos de ser mulher e homem e das relações de gênero têm influência da religião, que determinou papéis diferentes e hierarquias entre homens e mulheres, inclusive legitimando a violência contra as mulheres. O tema têm sido questionado e debatido especialmente pelas teologias feministas, mas desigualdades,

<sup>3</sup> STOLLER, Robert. *Sex and Gender: The Development of Masculinity and Femininity*. London: Karnac Books, 1984.

<sup>4</sup> BOHAN, Janis S. Sex differences and/in the self: classic themes, feminist variations, postmodern challenges. *Psychology of Women Quarterly*, v. 26, n. 1, p. 74-88, 2002. p. 74-88; GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 103-143.

<sup>5</sup> DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org). *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: SOTER; Paulinas: Loyola, 2003. p. 172.

<sup>6</sup> GEBARA, 2001, p. 104.

preconceitos, especialmente em relação às mulheres, e relações injustas, opressoras e até violentas entre homens e mulheres, ainda são comuns e precisam urgentemente serem desconstruídas.

A teóloga feminista Ivone Gebara é categórica ao afirmar que as mulheres só por serem mulheres são relacionadas com o mau, com o pecado, e mais responsáveis pela “queda”<sup>7</sup> ou desobediência do ser humano a Deus, de acordo com uma interpretação limitada e androcêntrica do mito da origem do ser humano e do mal na Bíblia, no livro de Gênesis (Gn 1-24),<sup>8</sup> como se Eva tivesse sido responsável pelo pecado por ter desobedecido a Deus.<sup>9</sup> Comentaristas da Bíblia muitas vezes interpretaram ao pé da letra esses textos, ensinando-os como se fossem palavras de Deus, literalmente. Esta interpretação ainda continua muito presente em nossa cultura religiosa e é como um mito fundador dos preconceitos contra as mulheres.<sup>10</sup>

Alguns textos da Escritura e muitos textos de comentários teológicos dos “Padres” da Igreja afirmam que os seres femininos são não apenas inferiores aos masculinos, mas sua “malignidade” é maior. Esta interpretação excludente das mulheres foi decisiva por muito tempo na nossa teologia.<sup>11</sup>

Assim, a culpa de Eva por inserir o pecado no mundo justifica a opressão e as desigualdades de gênero em relação às mulheres, de acordo com a teologia cristã, inferiorizando as mulheres em relação aos homens, legitimando a violência contra as mulheres, como se as mulheres fossem merecedoras de castigo e punição, tendo assim que ser submissas à eles.<sup>12</sup> “As religiões patriarcais tendem a legitimar a subserviência das mulheres associando-as ao mal, ao desviante, à desordem e à fraqueza moral, deixando-as à mercê de punições apregoadas como “naturais””.<sup>13</sup> “As mulheres, pelo próprio

<sup>7</sup> Para Gottfried Brakemeier a Bíblia é categórica ao atribuir a origem do pecado a uma queda do próprio ser humano, relacionando-a à Adão e Eva. BRAKEMEIER, Gottfried. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2002. p. 57.

<sup>8</sup> Todas as referências bíblicas desse trabalho foram retiradas da: BÍBLIA. Português. Almeida. 1999. SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia de estudo Almeida*. Ed. Revista e atualizada Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

<sup>9</sup> GEBARA, 2001, p. 31; VIDAL, Marciano. *Feminismo e ética: como "feminizar" a moral*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 36-38.

<sup>10</sup> GEBARA, 2001, p. 31-32.

<sup>11</sup> GEBARA, 2001, p. 31.

<sup>12</sup> MUSSKOPF, André S. Haverá "gênero" e "religião"? ou Enquanto houver burguesia não vai haver poesia. *RELEGENS THRÉSKEIA*, v. 2, n. 2, 2013. p. 10-25; EGGERT, Edla. *Narrar processos*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009. p.

<sup>13</sup> CITELI, Maria Teresa; NUNES, Maria José F. Rosado. *Violência simbólica: a outra face das religiões*. Cadernos Católicas Pelo Direito de Decidir. Vol./No. 14. São Paulo: Católicas Pelo Direito de Decidir, 2010. p. 6.

condicionamento cultural, são conduzidas a uma concepção de si mesmas em autodepreciação”.<sup>14</sup>

A Bíblia é utilizada para justificar a submissão das mulheres, os símbolos do cristianismo são patriarcais, criando uma cultura de obediência cega à figura masculina. As ideias de submissão, exclusividade do marido ou pai, subordinação e responsabilidade pelo pecado (relacionado à Eva) são vinculadas às mulheres na Igreja Cristã.<sup>15</sup> A Bíblia, assim como a Teologia, está enraizada na cultura patriarcal-sexista e compartilha seus preconceitos e discriminações, intensificadas com interpretações patriarcais.<sup>16</sup> Assim, a Teologia além de influenciar o sexismo, perpetua a inferioridade das mulheres, através das suas desigualdades institucionais e justificações teológicas sobre diferenças entre mulheres e homens.<sup>17</sup>

De acordo com Elizabeth Fiorenza a ética cristã intensificou a internalização do feminino com atitudes passivas, submissão, auto sacrifício, autonegação do amor, o que impede o desenvolvimento da independência.<sup>18</sup> Deus e Jesus, Pai e Filho, são o centro da Teologia, estão representados no masculino, representando a criação e a salvação, mesmo que Deus seja assexuado. A figura feminina ideal representada pela Teologia é Maria, símbolo de proteção e aconchego (de acordo com o papel de gênero esperado para as mulheres). Maria é submissa à vontade das figuras masculinas e louvada por essa submissão. O sacrifício de Jesus é redentor, seu sangue foi derramado pela nossa salvação. Já o sacrifício de Maria, o auto sacrifício das mulheres, não aparece na teologia tradicional.<sup>19</sup>

Assim, a Igreja Cristã legitima o papel das mulheres, colocando-as em papéis frequentemente de submissão à outros homens, legitimando também casos de violência. “A violência doméstica, sexista ou de gênero está, em muitos casos, amparada e justificada

<sup>14</sup> SILVA, Maritza M. Mulher, identidade fragmentada. In: ROMEIRO, Elaine (Org.). Corpo, mulher e sociedade. Campinas: Papirus, 1995. p. 112.

<sup>15</sup> ANDRIOLI, Liria Ângela; ANGELIN Rosangela. A influência da religião na construção da identidade feminina e no movimento feminista e de mulheres. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. [Rudolf von Sinner e Iuri Andréas Reblin]. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. p. 1455-1468. p. 1460.

<sup>16</sup> FIORENZA, Elisabeth Schüssler. Feminist Theology as a Critical Theology of Liberation. *Theological Studies*, v. 36, n. 4, 1975. p. 611; CONTI, Cristina. Hermenêutica feminista. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Grande sinal. A mulher e a criação teológica*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 550.

<sup>17</sup> FIORENZA, 1975, p. 608.

<sup>18</sup> FIORENZA, 1975, p. 608.

<sup>19</sup> GEBARA, Ivone. O que é Teologia Feminista. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 22.

pelas doutrinas religiosas ou nos textos sagrados.”<sup>20</sup> A religião tem um papel na violência simbólica, que conforma e veicula valores simbólicos para a legitimação da violência, se não produzem a violência, tendem a justificá-la ou mascará-la.<sup>21</sup>

Daniéli Busanello Krob afirma que a “história de violência contra as mulheres dentro da Igreja, como na caça às bruxas, nas discriminações biológicas, nas omissões em relações conjugais violentas, contribuíram para que sociedade e cultura discriminassem as mulheres.”<sup>22</sup> Reforçam-se assim ideias patriarcais e sexistas de que quem manda é o homem, subjugando as mulheres. “O modelo predominante — a família patriarcal, a relação heterossexual, a chefia masculina, a submissão dos filhos e da mulher ao pai e ao marido — está configurado e se sustenta, em grande parte, nos valores advindos das religiões.”<sup>23</sup>

Considerando que o Brasil é um país declaradamente religioso, “pensar as representações de gênero demanda pensar o papel da religião na construção social dos sexos.”<sup>24</sup> Segundo Sandra Duarte de Souza “os estudos feministas encontram na religião um campo fértil e ainda pouco explorado na discussão de gênero.”<sup>25</sup> A Revista Estudos Feministas, assim como os Cadernos Pagu são referência na articulação entre gênero e religião, tratando sobre temas como teologia feminista e ecofeminista, moral sexual religiosa, especialmente católica e protestante e abordando as implicações de gênero nas formas religiosas afro-brasileiras e indígenas, entre outros.<sup>26</sup>

A Revista Mandrágora também surgiu a partir da necessidade de discussão sobre gênero e religião, já que a religião participou e participa da socialização de homens e mulheres e da reprodução das assimetrias sociais.<sup>27</sup> A revista relaciona gênero e religião com temas como direitos reprodutivos, cultura, ética, história, sexualidade, ecofeminismo, violência, entre outros.<sup>28</sup>

<sup>20</sup> STRÖHER, Marga Janéte. Teologia feminista e gênero – territorialidades, deslocamentos e horizontes. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE TEOLOGIA E LIBERTAÇÃO, 3., 2009, Belém. *Comunicações do III Fórum Mundial de Teologia e Libertação*. São Leopoldo: EST, 2009. p. 507-517. p. 513.

<sup>21</sup> STRÖHER, 2009, p. 513.

<sup>22</sup> KROB, Daniéli Busanello. *Desconstruindo Amélias: Musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica sob a ótica da teologia feminista*. 2013. 127 p. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2013. p. 55.

<sup>23</sup> CITELI; NUNES, 2010, p. 6.

<sup>24</sup> SOUZA, Sandra Duarte de. *Revista Mandrágora: gênero e religião nos estudos feministas*. *Revista Estudos Feministas*, v.12, p. 122-130, 2004. p. 123.

<sup>25</sup> SOUZA, 2004, p. 123.

<sup>26</sup> SOUZA, 2004, p. 123-124.

<sup>27</sup> SOUZA, 2004, p. 125.

<sup>28</sup> SOUZA, 2004, p. 123.

Assim, a religião tem influência na construção dos papéis culturais de gênero. Mesmo tendo perdido seu poder regular nas sociedades secularizadas, ainda há “um forte *religious appeal* na maneira como os sexos se reconhecem socialmente”.<sup>29</sup>

A cultura brasileira é fortemente influenciada pela visão católica acerca do lugar que mulheres e homens desempenham na religião, visão esta que se encontra inscrita nas estruturas de seu poder institucional e de suas práticas litúrgicas, que excluem e desqualificam as mulheres.<sup>30</sup>

Percebe-se assim que as desigualdades geradas pela construção social dos papéis de gênero é fortemente influenciada pela teologia, que muitas vezes legitima e é inclusive omissa em casos de violência de gênero. As mídias, também produto da cultura, afirmam e reafirmam os papéis de gênero, mantendo relações sociais desiguais e injustas, como será visto a seguir.

### **As Representações de Gênero nas Mídias**

As representações de gênero foram criadas a partir de entendimentos religiosos, diferenciando papéis e comportamentos de mulheres e homens, colocando as mulheres em um patamar inferior. As mídias como produtos da cultura, reproduzem essas representações de gênero, que mesmo no século XXI, ainda permeiam as relações sociais. Essas representações são frequentemente desiguais e injustas, sendo assim necessária uma análise de gênero nas mídias a fim de modificar essa situação.

Mia Lövhheim organizou um livro-coletânea intitulado *Media, Religion and Gender: Key issues and New Challenges*.<sup>31</sup> Segundo ela as questões de gênero não tem sido importante nas principais publicações que apresentam pesquisas sobre mídia, religião e cultura,<sup>32</sup> e suas perspectivas, assim como as perspectivas feministas podem contribuir para uma análise crítica da distribuição de poder e recursos na produção e uso de mídiatizações religiosas e valores culturais”.<sup>33</sup>

Maryellen Davis<sup>34</sup> discorre sobre gênero na Igreja Católica, analisando a figura de Maria em duas revistas católicas entre os anos 50 a 70. De acordo com a autora, as revistas

<sup>29</sup> SOUZA, 2004, p. 123.

<sup>30</sup> CITELI; NUNES, 2010. p. 6.

<sup>31</sup> Tradução: Mídia, Religião e Gênero: Questões Fundamentais e Novos Desafios. LÖVHEIM, Mia. *Media, Religion and Gender: Key issues and New Challenges*. London: Routledge, 2013.

<sup>32</sup> LÖVHEIM, 2013, p. 4.

<sup>33</sup> LÖVHEIM, 2013, p. 7.

<sup>34</sup> DAVIS, Maryellen. *Mary as Media Icon: Gender and Militancy in Twentieth-Century U.S. Roman Catholic*. In:

apresentam modelos de Maria conflitantes e dicotômicos, Maria que está de acordo com as representações de gênero para as mulheres: mãe, com a capacidade de ter filhos, mas ao mesmo tempo, virgem, uma mãe imaculada.<sup>35</sup> Maria aparece nas revistas como modelo para as mulheres, realizando tarefas domésticas e sendo um modelo de amor de mãe.<sup>36</sup> Além da santidade feminina, incapazes de pecar, mulheres como Maria são modestas, altruístas, obedientes e cuidadoras.<sup>37</sup>

As mídias relacionada à Igreja Católica no meio do século 20, retratava esse modelo de Maria influenciando as pessoas para serem boas mulheres como Maria e também, bons homens, como esposos de Maria, um exemplo não somente de boas e bons católicos, mas bons modelos de comportamentos de gênero tradicionais e estereotipados, condizendo com os papéis de gênero criados e cobrados pela sociedade.<sup>38</sup> Considerando que a religião cristã fortalece a submissão feminina e impõe dois modelos às mulheres: o de santas, como Virgem Maria, ou o de putas, como Eva,<sup>39</sup> as mídias contribuem para esse entendimento.

A Teologia tem influência sobre a percepção dos corpos das mulheres, controlando-os, e relacionando-os ao pecado, ao mal.<sup>40</sup> Na Renascença surgiu a ideia do belo sexo, desconstruindo a visão pecaminosa e de segunda categoria em torno das mulheres “aos homens a força e a razão, e às mulheres, a fraqueza do espírito e das idéias e a beleza do corpo”.<sup>41</sup> No século XXI, não tão diferente, surge a ditadura da “belezura estabelecida no corpo magro, sarado e saudável,”<sup>42</sup> com o auxílio da mídia na construção nesse processo.<sup>43</sup> Assim, para corresponder às expectativas sociais, para se sentir um "bom homem ou mulher" ou "homem e mulher de verdade", os homens buscam corpos fortes, e as mulheres,

---

CLARK, Lynn Schofield (Ed.). *Religion, Media, and the Marketplace*. New Brunswick Rutgers: University Press, 2007. p. 139.

<sup>35</sup> DAVIS, 2007, p. 139.

<sup>36</sup> DAVIS, 2007, p. 142.

<sup>37</sup> DAVIS, 2007, p. 142.

<sup>38</sup> DAVIS, 2007, p. 149.

<sup>39</sup> VIANNA, Cynthia Semíramis Machado. Exploração na mídia das imagens da mulher, do homem, das crianças e dos adolescentes. In: GOLDMAN, Clara; FERREIRA, Marcos; MORETZSOHN, Ricardo; GOLLMAN, Roseli. (Org.). *Contribuições da Psicologia para a 1ª Conferência Nacional de Comunicação*. 1ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009, p. 113-124. p. 115.

<sup>40</sup> EGGERT, Edla. Doméstico – espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. In: STRÖHER, Marga; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André (Org.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004. p. 238.

<sup>41</sup> EGGERT, 2004, p. 227.

<sup>42</sup> EGGERT, 2004, p. 238.

<sup>43</sup> EGGERT, 2004, p. 226; 238.

beleza dentro dos padrões estabelecidos pela sociedade, tornando-se reféns desses modelos.

Assim, mídias relacionadas à Igreja Católica, igrejas pentecostais ou neopentecostais deixam claras as representações de gênero, fortalecendo os papéis de gênero, relacionando as mulheres à ideias de submissão, resignação, culpabilidade, a partir de uma visão patriarcal, e inclusive relacionando essas “características” ditas femininas e “características” ditas masculinas à biologia ou criação divina.<sup>44</sup>

Nas mídias não diretamente religiosas, essas ideias de gênero legitimados pela teologia são visíveis e incentivados da mesma forma. Revistas femininas mostram como se enquadrar no modelo de submissão, mostrando como ficar mais bonita, dando dicas de como enlouquecer um homem na cama.<sup>45</sup> Dificilmente são apresentados assuntos relacionados a como aumentar o prazer das mulheres ou outras discussões que possam empoderar as mulheres ou tirá-las do seu papel de submissão, as mídias ensinam as mulheres a ser submissas e subjugadas para agradar os homens, a fim de conseguir um casamento e ter filhos/as: principal papel das mulheres de acordo com os papéis de gênero construídos, independente da vontade das mulheres.

As características estipuladas aos homens e às mulheres podem ser resumidas da seguinte forma: aos homens cabe ser o chefe, líder da família, devendo solucionar os problemas, não podendo chorar, ser afetuoso ou se subordinar a alguém, além de ser o único provedor da família, e às mulheres cabe não ter autonomia, ser dócil e delicada, responsável por gerenciar o espaço privado, sendo que sua dignidade depende de sua beleza e submissão de um homem (pai ou marido), e sua maior realização é a maternidade, além de ter a função de gastar dinheiro para manter em funcionamento a estrutura econômica.<sup>46</sup> Muitas dessas características estão relacionadas à Igreja Cristã, como visto anteriormente.

Para a mídia a mulher ideal é jovem, magra, linda, feminina, submissa e delicada e está irremediavelmente condenada à condição de objeto sexual, de esposa e de mãe. Frágil e indefesa, ela precisa de um homem que a proteja dos perigos do mundo; por isso, vive em função da busca do grande e definitivo amor de sua vida. O homem é a metade que lhe falta, complemento indispensável sem o qual não há

---

<sup>44</sup> Veja em: COSTA, Patrícia Garcia. *Mídia, Religião e Gênero: a representação da mulher no Programa Show da Fé*. São Paulo, SP, 2013, 158 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Universidade Metodista de São Paulo, 2013; OLIVEIRA FILHO, Paulo Gilberto de. *A construção das relações de gênero na mídia da Igreja Universal do Reino de Deus*. Recife, 2012. 147 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2012.

<sup>45</sup> VIANNA, 2009, p. 119.

<sup>46</sup> VIANNA, 2009, p. 115-116.

identidade feminina ou realização pessoal (vale mencionar a velha figura da solteirona “mal-amada”, sinal de alerta para o fim que aguarda aquelas que não se empenham o suficiente na busca do seu par).<sup>47</sup>

Essas imagens são reproduzidas pela mídia, sendo frequentemente imperceptíveis às pessoas.<sup>48</sup> Nas notícias, no entretenimento, na publicidade “a mídia reforça os papéis de gênero”,<sup>49</sup> manipulando e estimulando esse modelo. Esse modelo é facilmente encontrado no cinema, teatro, novelas e seriados. As mulheres independentemente da quantidade de funções (trabalho, casa, filhos...), ainda precisam tirar um bom tempo para estarem sempre belas.

Em relação à sexualidade ou à traição, as mídias reforçam o aspecto positivo de um homem ter várias parceiras sexuais, que se sai como o *garanhão*, já, uma mulher com muitos parceiros, é *puta* ou *galinha*,<sup>50</sup> o interesse das mídias é muito maior em desqualificar mulheres que traem, porém, questionar a traição dos homens, é assunto raro. Assuntos sobre equidade de gênero são raros.

Quando as mulheres vão para as mídias, a fim de entrar na política, as perguntas voltadas à elas são relacionadas a beleza, roupas, como conciliar a carreira com o cuidado dos filhos e do marido, ao invés de se centrar na campanha.<sup>51</sup>

Em relação à publicidade, Daniela Araújo<sup>52</sup> na sua dissertação de mestrado faz uma análise de propagandas e slogans publicitários retiradas de algumas revistas e um jornal no ano de 2006, encontrando marcas de sexismo, valorizando mais o gênero masculino, como acontece na linguagem cotidiana e nos slogans que mostram as mulheres como objeto sexual, domesticada ou fútil.<sup>53</sup> A exploração dos corpos femininos é frequente nas mídias, imagens provocantes de mulheres nuas ou seminuas são frequentes nos anúncios e nos

<sup>47</sup> DUARTE, Rosália. Mídia e Identidade Feminina: mudanças na imagem da mulher no audiovisual brasileiro da última década. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 2., 2003, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, 2003. p. 1-12. p. 4.

<sup>48</sup> VIANNA, 2009, p. 115.

<sup>49</sup> VIANNA, 2009, p. 116-117.

<sup>50</sup> ALVES, José Eustáquio Diniz. *A linguagem e as representações da masculinidade*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004. Disponível em:

<[http://www.ence.ibge.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=ceed3571-27ff-4483-b6c3-e5153af4c415&groupId=37690208](http://www.ence.ibge.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=ceed3571-27ff-4483-b6c3-e5153af4c415&groupId=37690208)>. Acesso em: 14 maio 2013. p. 13.

<sup>51</sup> VIANNA, 2009, p. 119.

<sup>52</sup> ARAUJO, Daniela. As palavras e seus efeitos: o sexismo na publicidade. 2006. 122f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Rio Grande do Sul, 2006.

<sup>53</sup> ARAUJO, 2006, p. 94.

comerciais de variados produtos.<sup>54</sup> A identidade de gênero de quem faz os comerciais frequentemente é relacionado ao tipo de produto, por exemplo, mulheres fazem propaganda de produtos de limpeza, nos comerciais de carros e cervejas, os homens são os que bebem e dirigem, e as mulheres, servem de adorno.

Nas músicas também são frequentes canções que banalizam e inclusive tornam aceitável a violência contra as mulheres, reforçando a imagem estereotipada do feminino, de acordo com Daniéli Busanello Krob.<sup>55</sup> Histórias infantis incentivam e idealizam o casamento, como a Cinderela, história de submissão e abuso familiar, espera por ser resgatada por um homem, e ver o casamento como a única e correta conduta. Meninas idealizam esse padrão e aos homens fica a obrigação de fazer suas esposas felizes para sempre, atendendo todas suas necessidades emocionais.<sup>56</sup>

Seriados, chamados de *sitcom*, apresentam representações femininas e masculinidades de forma estereotipada (como toda *sitcom*)<sup>57</sup> mesmo que alguns tratem sobre mulheres bem sucedidas, aparentemente independentes, como é o caso do seriado *Sex and the City*, o sonho de se casar, ser mãe, a vaidade, o fato de estarem sempre gastando dinheiro, segue presente, como alguns valores do patriarcado, estando sempre em busca de um compromisso com um homem, e muitas decisões dependem de seus parceiros.<sup>58</sup> O desfecho do seriado se dá com todas as mulheres ou casadas, ou com filhos ou em um relacionamento sério. Assim, mesmo mostrando histórias de mulheres com uma certa liberdade, por exemplo na escolha de ter ou não filhos, ou adotá-los, “se um homem não estiver ao seu lado, nada disso terá valido a pena”.<sup>59</sup> É a ideia que a séria passa.

Em casos de violência contra as mulheres, as mídias reforçam a necessidade das mulheres serem submissas para que não ocorra o mesmo com elas, perdendo cada vez mais sua autonomia, sendo que frequentemente as pessoas que opinam sobre esses assuntos são

<sup>54</sup> PEREIRA, Tânia Maria Augusto. A mulher nas propagandas de lingerie: os efeitos de sentidos veiculados em revistas femininas. CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. *Anais...* Campinas, 2007.. p. 2.

<sup>55</sup> KROB, Daniéli Busanello. *Comigo não, violão!*: Musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica. São Leopoldo, 2010. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Musicoterapia) - Escola Superior de Teologia, Instituto Superior de Música, São Leopoldo, 2010.

<sup>56</sup> TYSON, Lois. Feminist criticism. In: TYSON, Lois. *Critical theory today: a user-friendly guide*. New York: Routledge, 2006. p. 88.

<sup>57</sup> MESSA, Marcia Rejane. *As mulheres só querem ser salvas: produção, texto e recepção de sex and the city*. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina (Org.). *Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 131.

<sup>58</sup> MESSA, 2008, p. 140.

<sup>59</sup> MESSA, 2008. p. 140.

homens.<sup>60</sup> As mídias também desqualificam os discursos que vão contra o tradicional. Se alguém chama a atenção para alguma desigualdade as mídias ridicularizam, como em relação às feministas que são tratadas como mal-amadas, feias, que odeiam os homens e assim por diante,<sup>61</sup> o que é produto de preconceitos e má interpretação de manifestações radicais, ao invés de mostrar a luta pela equidade, objetivo central do feminismo.

As mídias somente reforçam os papéis desiguais de gênero, tendo como modelo homens, brancos, heterossexuais e de classe média ou alta, como se fossem superiores.<sup>62</sup> Rosália Duarte afirma que as mídias, como produto audiovisual de ficção é espelho da cultura que os produz e consome. Desse modo, reforçam ou questionam padrões de comportamento, contribuem para a preservação (conservação) de práticas e costumes e, ao mesmo tempo, colocam em discussão pressupostos construídos pelas culturas das quais participam.<sup>63</sup> Sua tendência é mudar os papéis de gênero somente quando esses estiverem legitimados e fortalecidos pela sociedade.<sup>64</sup>

Algumas tentativas de mudanças dos papéis de gênero começam a aparecer a partir da década de 90<sup>65</sup> nas mídias, mas ainda são escassas. Na Revista Mandrágora foi encontrado um artigo chamado *Valente: Rompendo Tradições*<sup>66</sup> pela doutora em Teologia Sistemática Luiza Tomita, analisando as relações de gênero na religião e cultura a partir da animação da Disney *Valente* (2012),<sup>67</sup> surgindo assim algumas aproximações entre gênero, religião e mídia. A animação é uma das poucas tentativas de romper com os modelos patriarcais,<sup>68</sup> de desigualdade entre os sexos. Tenta fugir dos papéis de gênero estereotipados, dando maior liberdade para as mulheres.

---

<sup>60</sup> VIANNA, 2009, p. 111-118. Cynthia Vianna discute sobre a cultura do estupro, que vê todos os homens como estupradores e todas as mulheres como vítimas passivas para manter as relações de poder, ainda legitimadas pela mídia. VIANNA, Cynthia Semíramis Machado. Sobre a cultura do estupro. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/blog/2013/04/cultura-do-estupro/>>. Acesso em 19 maio 2013.

<sup>61</sup> VIANNA, 2009, p. 118.

<sup>62</sup> VIANNA, 2009, p. 120.

<sup>63</sup> DUARTE, 2003, p. 1.

<sup>64</sup> DUARTE, 2003, p. 2.

<sup>65</sup> DUARTE, 2003, p. 6.

<sup>66</sup> TOMITA, Luiza. *Valente: Rompendo Tradições*. *Mandrágora*, v.18. n. 18, 2012, p. 53-64.

<sup>67</sup> Título no Brasil: *Valente*. Título original: *Brave*. País de origem: EUA. Gênero: Animação.

Dirigido p/ Steve Purcell. Estrelando: Kelly Macdonald e Billy Connolly.

<sup>68</sup> TOMITA, 2012, p. 59.

Cynthia Semíramis Machado Vianna<sup>69</sup> propõe o uso da internet como um meio de resistir e alterar os padrões de beleza impostos pelas mídias, empoderando as mulheres e conscientizando-as sobre o poder sobre seu próprio corpo e imagem. Dessa forma, as mídias pode ser utilizada para propagar comportamentos mais justos e equitativos entre homens e mulheres. O facebook tem se tornado um meio de divulgação para questionar papeis de gênero, através de páginas e comunidades específicas, e das pessoas em geral que compartilham imagens e frases que buscam relações mais justas e equitativas. Porém, da mesma forma, imagens e frases sexistas e que inclusive incitam a violência de gênero, também circulam pelo facebook. Aos poucos filmes, seriados, animações, revistas, reportagens de TV e outras mídias, começam a retratar as discussões de gênero de forma mais justa e equitativa, mas, no geral, ainda são raros.

### **Considerações Finais**

A teologia teve grande importância na construção das representações de gênero, relacionando às mulheres ideias de submissão, altruísmo, pecado ou santidade, mãe e cuidadora do lar, e aos homens, poder, força, saber, maior valor e independência. Essas imagens são reproduzidas pelas mídias até os dias de hoje. Assim, os papeis de gênero têm influência das religiões, especialmente da Igreja Cristã. Esses papeis são representados nas mídias, que influencia brasileiros e brasileiras, seja através da internet, televisão, jornais, revista e outros meios, perpetuando desigualdades e injustiças entre os sexos.

A mídia é a entidade mais confiável para brasileiros e brasileiras, assim a maneira como os papeis de gênero são tratados nas mídias são absorvidas pelas pessoas muitas vezes, sem crítica, potencializando relações desiguais entre os sexos, e situações de violência de gênero. A discussão de gênero é fundamental para desconstruir relações desiguais entre homens e mulheres, mulheres e mulheres e homens e homens, buscando uma sociedade mais justa e equitativa. Esses questionamentos e mudanças precisam ocorrer tanto na teologia, quanto nas mídias, a fim de parar de incentivar papeis e estereótipos de gênero, e terminando com preconceitos e desigualdades e violência de gênero, visando a construção de relações mais justas e equitativas.

---

<sup>69</sup> VIANNA, Cynthia Semíramis Machado. Do uso da internet como forma de resistência às imagens femininas impostas pela mídia tradicional. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO GÊNERO E MÍDIA, 1., 2005, Paraná. *Anais...* Paraná, 2005. p. 8.

## Referências

- ALVES, José Eustáquio Diniz. *A linguagem e as representações da masculinidade*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004. Disponível em: <[http://www.ence.ibge.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=ceed3571-27ff-4483-b6c3-e5153af4c415&groupId=37690208](http://www.ence.ibge.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=ceed3571-27ff-4483-b6c3-e5153af4c415&groupId=37690208)>. Acesso em: 14 maio 2014.
- ANDRIOLI, Liria Ângela; ANGELIN Rosângela. A influência da religião na construção da identidade feminina e no movimento feminista e de mulheres. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., 2012, São Leopoldo. *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. [Rudolf von Sinner e Iuri Andréas Reblin]. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. p. 1455-1468.
- ARAUJO, Daniela. *As palavras e seus efeitos: o sexismo na publicidade*. 2006. 122f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Rio Grande do Sul, 2006.
- BOHAN, Janis S. Sex differences and/in the self: classic themes, feminist variations, postmodern challenges. *Psychology of Women Quarterly*, v. 26, n. 1, p. 74-88, 2002.
- CITELI, Maria Teresa; NUNES, Maria José F. Rosado. Violência simbólica: a outra face das religiões. *Cadernos Católicas Pelo Direito de Decidir*, v./n. 14. São Paulo: Católicas Pelo Direito de Decidir, 2010.
- CONTI, Cristina. Hermenêutica feminista. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Grande sinal. A mulher e a criação teológica*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- DAVIS, Maryellen. Mary as Media Icon: Gender and Militancy in Twentieth-Century U.S. Roman Catholic. In: CLARK, Lynn Schofield (ed.). *Religion, Media, and the Marketplace*, New Brunswick: Rutgers University Press, 2007.
- DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org). *Gênero e Teologia: interpelações e perspectivas*. São Paulo: SOTER; Paulinas: Loyola, 2003.
- DUARTE, Rosália. Mídia e Identidade Feminina: mudanças na imagem da mulher no audiovisual brasileiro da última década. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 2., 2003, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis, 2003. p. 1-12.
- EGGERT, Edla. Doméstico – espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. In: STRÖHER, Marga; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André (Orgs.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004. p. 225-241.
- EGGERT, Edla. *Narrar processos*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.
- FIORENZA, Elisabeth Schüssler. Feminist Theology as a Critical Theology of Liberation. *Theological Studies*, v. 36, n. 4, 1975.

GEBARA, Ivone. *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 103-143.

GEBARA, Ivone. *O que é Teologia Feminista*. São Paulo: Brasiliense, 2007.

KROB, Daniéli Busanello. *Comigo não, violão!:* Musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica. São Leopoldo, 2010. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Musicoterapia) - Escola Superior de Teologia, Instituto Superior de Música, São Leopoldo, 2010.

KROB, Daniéli Busanello. *Desconstruindo Amélias:* Musicoterapia com mulheres em situação de violência doméstica sob a ótica da teologia feminista. 2013. 127 p. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2013.

LÖVHEIM, Mia. *Media, Religion and Gender: Key issues and New Challenges*. London: Routledge, 2013.

MESSA, Marcia Rejane. As mulheres só querem ser salvas: produção, texto e recepção de sex and the city. In: ESCOSTEGUY, Ana Carolina (Org.). *Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2008.

MUSSKOPF, André S. Haverá "gênero" e "religião"? ou Enquanto houver burguesia não vai haver poesia. *RELEGENS THRÉSKEIA*, v. 2, n. 2, p. 10-25, 2013.

PEREIRA, Tânia Maria Augusto. A mulher nas propagandas de lingerie: os efeitos de sentidos veiculados em revistas femininas. CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. *Anais...* Campinas, 2007.

SILVA, Maritza M. Mulher, identidade fragmentada. In: ROMEIRO, Elaine (Org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1995. p. 109 -123.

SOUZA, Sandra Duarte de. Revista Mandrágora: gênero e religião nos estudos feministas. *Revista Estudos Feministas*, v.12, p. 122-130, 2004.

STEFFEN, Luciana. *Musicoterapia como práxis teológica:* interseções entre gênero e deficiência no desenvolvimento da independência de crianças e adolescentes com deficiência em atendimento musicoterapêutico. São Leopoldo, RS, 2014. 176 p. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2014.

STOLLER, Robert. *Sex and Gender: The Development of Masculinity and Feminity*. London: Karnac Books, 1984.

STRÖHER, Marga Janéte. Teologia feminista e gênero – territorialidades, deslocamentos e horizontes. In: FÓRUM INTERNACIONAL DE TEOLOGIA E LIBERTAÇÃO, 3., 2009, Belém. *Comunicações do III Fórum Mundial de Teologia e Libertação*. São Leopoldo: EST, 2009. p. 507-517.

TOMITA, Luiza. Valente: Rompendo Tradições. *Mandrágora*, v.18. n. 18, p. 53-64, 2012.

TYSON, Lois. Feminist criticism. In: TYSON, Lois. *Critical theory today: a user-friendly guide*. New York: Routledge, 2006.

VIANNA, Cynthia Semíramis Machado. Do uso da internet como forma de resistência às imagens femininas impostas pela mídia tradicional. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO GÊNERO E MÍDIA, 1., 2005, Paraná. *Anais...* Paraná, 2005.

VIANNA, Cynthia Semíramis Machado. Exploração na mídia das imagens da mulher, do homem, das crianças e dos adolescentes. In: GOLDMAN, Clara; FERREIRA, Marcos; MORETZSOHN, Ricardo; GOLLMAN, Roseli. (Org.). *Contribuições da Psicologia para a 1ª Conferência Nacional de Comunicação*. 1ed. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2009, p. 113-124.